



HORA TRÁGICA

Cavaleiros do Bem, puros como os arminhos,
Agitam pelo ar a espada da Revolta
e afiã os punhais nas pedras dos caminhos;
GOMES LEAL.

Sangue, cinzas e dor, cruento morticínio!
Oh! bárbaros teutões, tal é a vossa glória!
Levou-vos a ambição à luta de extermínio,
Recua horrorizada e empalidece a História!
Sinistra é a quimera, abominável lema
que à luta vos incita, oh! louca legião,
impor à Europa inteira o jugo dum diadema
que só tem por divisa, ou morte ou escravidão!
Não trazeis na bandeira, nem tem vosso estandarte,
de louros a cobri-lo a audácia colossal,
a auréola divina, que teve Bonaparte,
que era o povo francês armado em general.
Acaso alguma vez os vossos batalhões
morreram como heróis na luta aventureira?!
As hostes que empregais, fazem lembrar histriões
querendo um império erguer ao desmanchar da feira!
O Direito calcais, que heróicas gerações
conquistaram com sangue, à luz rubra da aurora;
Fermenta o Despotismo em loucas convulsões,
E que a Razão sucumbe e a Justiça chora!
Águias! não podeis, em pó, levar desfeito
da santa liberdade, o pudico pendão,
que um grito de vingança ecoa em cada peito,
e os lábios balbuciam, sómente: Maldição!
Banidos, recuai da fúria da batalha,
Oh! bárbaros teutões, exército infernal!
Os sonhos de ambição desfá-los a metralha,
que eleva contra vós o Ódio Universal!

À Bélgica, heroína, alfim estrangulada,
como os pulsos negou à força das algemas,
um povo inteiro correu à épica jornada,
exterminando atroz os invasores sistemas.
Gigantes, pigmeus! Minúsculos atletas!
Almas que docemente um ideal bafeja,
duma pureza tal, que só a tem poetas,
que casta inspiração virginalmente beija!

Liège é a vedeta às ordens do Direito,
Do invasor o golpe heróicamente arrede,
Tinha um altar a pátria erguido em cada peito
que em chamas irrompeu, hercúlea labareda!
E esse fogo alastra audaz, e com violência,
e um sopro de Revolta agita o mundo inteiro
— Este século, irrisão, o século da Ciência,
acalenta veloz um tão voraz brazeiro! —
Atinge a epopeia um esforço tão sublime,
E quasi divina tamanha heroicidade,
De seus filhos o sangue a Bélgica redime,
— Bem dita sejam pois fanal da Liberdade! —
A Albion contra vós aponta os seus canhões,
e as hostes colossais entraram já na liça;
lava o ódio veloz no peito dos bretões
que empunham com vigor a espada da Justiça!
A Rússia não temeu as loucas ameaças,
e breve o seu pendão huesteia em vosso império!
— E que a luta fatal que dividiu as raças,
envolve-a Satanaz, co'a ponta do mistério! —
Como o ladrão vulgar, que à noite, pela calada,
o viandante assalta, à volta duma esquina;
ou como o fero chacal, de garra rreparada,
apanha de surpresa, a presa que extermina.
Assim ocultos, vós, há mais de quarenta anos,
formáveis com afan, o desejado salto,
mas a França previu o gesto dos tiranos
e a chuva de metralha intima a fazer alto!
A vencia de então, altiva, mas serena,
à luta se arremessa, heróica e colossal,
e os braços maternais, à Alsácia e à Lorena,
lhes estende, afiando o vingador punhal!
Embora o sangue corra em límpidos caudais,
irrompa do vulcão voraz cataclismo,
que em cinzas aniquile os invasores brutais,
e as águas infernais afunde no abismo!
Baionetas! desferi um brilho tão intenso,
que ao tocaras da França o peito moribundo,
possa dêle jorrar de luz um facho imenso,
que fique eternamente iluminando o mundo! —
Como Ashverus caminha, na lenda sempre errante,
Oh! César de latão! oh! louco imperial!
que a Luz há-de sair da Treva, triunfante,
e a França, eterna luz, não morre, é imortal!
Perpassa sobre vós um sopro de desgraça,
Já os cossacos vem, corcéis a toda a rédea;
Está a chegar a hora, aventureira raça,
do epilogo fatal de toda esta tragédia!
O sonho de Poder será em pó desfeito,
e à lama arremessado, à charca, e ao monturo,
vencedoras, serão as hostes do Direito,
Sentinelas do Bem! Soldados do Futuro!

Outubro — 1914.

Luso.